

A MENTE
NÃO TEM
GÊNERO



A IMAGINAÇÃO
DISTÕE DE TUDO



UM LENTE
PLACANDO QUANDO
CONJUNTIVITAS COM
UM TRUQUELO

SER É SER
PERCEBIDO



O HOMÉM É MAIOE LIVRE
E POR TUDO TANTE
LACONTEIA-SE AGORREAVADO



O HOMÉM É
UM ANIMAL
QUE FAZ
BARGANHAS



O HOMÉM É
A MEDIDA DE
TODAS AS COISAS

O LIVRO DA FILOSOFIA



O HOMÉM É
UMA MÁQUINA



NÃO HÁ
NADA FORA
DO TEXTO



A VIDA
SERÁ MAIS BEM
VIVIDA QUANTO
MENOS SENTIDO
TIVER



OS FINS
JUSTIFICAM
OS MEIOS

SOBRE SEU PRÓPRIO
CORPO É MENTE,
O INDIVÍDUO
É SOBERANO



AJA COMO SE O QUE
VOCÊ FAZ FIZESSE
DIFERENÇA

AS GRANDES
IDEIAS
DE TODOS
OS TEMPOS

SUMÁRIO

10 INTRODUÇÃO

O MUNDO ANTIGO 700 a.C.-250 a.C.

- 22 Tudo é composto de água
Tales de Mileto
- 24 O Tao que pode ser descrito não é o eterno Tao
Lao-Tsé
- 26 O número é o regente das formas e ideais
Pitágoras
- 30 Feliz aquele que superou seu ego
Siddhartha Gautama
- 34 Mantenha a fidelidade e a sinceridade como princípios básicos
Confúcio
- 40 Tudo é fluxo
Heráclito
- 41 Tudo é uno
Parmênides
- 42 O homem é a medida de todas as coisas
Protagoras
- 44 Quando alguém me atira um pérego, devolvo uma ameixa
Mencius
- 45 Nada existe, exceto átomos e espaço vazio
Demócrito e Leucipo

- 46 A vida irrefletida não vale a pena ser vivida
Sócrates
- 50 O conhecimento na Terra são sombras
Platão
- 56 A verdade está no mundo à nossa volta
Aristóteles
- 64 A morte não é nada para nós
Epicuro
- 66 Tem mais quem se satisfaz com o mínimo
Diógenes de Sínope
- 67 O objetivo da vida é viver de acordo com a natureza
Zenão de Cítio



O MUNDO MEDIEVAL 250-1500

- 72 Deus não é a origem do mal
Santo Agostinho
- 74 Deus antevê nossos pensamentos e atos autônomos
Boécio
- 76 A alma é distinta do corpo
Avicena
- 80 Basta pensar em Deus para sabermos que Ele existe
Santo Anselmo
- 82 Filosofia e religião não são incompatíveis
Averróis
- 84 Deus não tem atributos
Moisés Maimônides
- 86 Não lamente. O que se perde retorna em outra forma
Jalal ad-Din Muhammad Rumi
- 88 O universo nem sempre existiu
Santo Tomás de Aquino
- 96 Deus é o não outro
Nicolau de Cusa
- 97 Não saber nada é a vida mais feliz
Erasmus de Roterdã

A RENASCENÇA E A IDADE DA RAZÃO 1500-1750

- 102 Os fins justificam os meios
Nicolaus Maquiavel
- 108 A fama e a tranquilidade nunca podem ser companheiras
Michel de Montaigne
- 110 Conhecimento é poder
Francis Bacon
- 112 O homem é uma máquina
Thomas Hobbes
- 116 Penso, logo existo
René Descartes
- 124 A imaginação dispõe de tudo
Blaise Pascal
- 126 Deus é a causa de tudo que existe; tudo que existe existe em Deus
Bento de Espinosa
- 130 O conhecimento de nenhum homem pode ir além de sua própria experiência
John Locke
- 134 Há dois tipos de verdade: a verdade de razão e a verdade de fato
Gottfried Leibniz
- 138 Ser é ser percebido
George Berkeley



A ERA DA REVOLUÇÃO 1750-1900

- 146 A dúvida não é uma condição agradável, mas a certeza é absurda
Voltaire
- 148 O hábito é o grande guia da vida humana
David Hume
- 154 O homem nasce livre e por toda parte encontra-se acorrentado
Jean-Jacques Rousseau
- 160 O homem é um animal que faz barganhas
Adam Smith
- 164 Existem dois mundos: nossos corpos e o mundo externo
Immanuel Kant
- 172 A sociedade é, de fato, um contrato
Edmund Burke
- 174 A maior felicidade possível para o maior número de pessoas
Jeremy Bentham
- 175 A mente não tem gênero
Mary Wollstonecraft
- 176 O tipo de filosofia que se escolhe depende do tipo de pessoa que se é
Johann Gottlieb Fichte
- 177 Em nenhum outro assunto há menos filosofar do que em relação à filosofia
Friedrich Schlegel
- 178 A realidade é um processo histórico
Georg Hegel



- 186 Todo homem toma os limites de seu próprio campo de visão como os limites do mundo
Arthur Schopenhauer
- 188 Teologia é antropologia
Ludwig Andreas Feuerbach
- 190 Sobre seu próprio corpo e mente, o indivíduo é soberano
John Stuart Mill
- 194 A angústia é a vertigem da liberdade
Søren Kierkegaard
- 196 A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes
Karl Marx
- 204 Deve o cidadão, por um momento sequer, renunciar à sua consciência em favor do legislador?
Henry David Thoreau
- 206 Considere as consequências das coisas
Charles Sanders Peirce
- 206 Aja como se o que você faz fizesse diferença
William James

O MUNDO MODERNO 1900-1950

- 214 O homem é algo a ser superado
Friedrich Nietzsche
- 222 Os homens com autoconfiança vêm, veem e vencem
Ahad Ha'am
- 223 Toda mensagem é composta por signos
Ferdinand de Saussure
- 224 A experiência em si não é ciência
Edmund Husserl
- 226 A intuição caminha no próprio sentido da vida
Henri Bergson
- 228 Somente pensamos quando confrontados com um problema
John Dewey
- 232 Aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo
George Santayana
- 233 Só o sofrimento nos torna humanos
Miguel de Unamuno
- 234 Acredite na vida
William du Bois
- 236 O caminho para a felicidade está na redução organizada do trabalho
Bertrand Russell
- 240 O amor é uma ponte do conhecimento mais pobre para o mais rico
Max Scheler
- 241 Somente como indivíduo um homem pode se tornar filósofo
Karl Jaspers
- 242 A vida é uma série de colisões com o futuro
José Ortega y Gasset
- 244 Antes de filosofar, é preciso confessar
Hajime Tanabe
- 246 Os limites da minha linguagem significam os limites do mundo
Ludwig Wittgenstein
- 252 Nós próprios somos as entidades a ser analisadas
Martin Heidegger
- 256 A única escolha moral verdadeira do indivíduo é a do autossacrifício em prol da comunidade
Tetsuro Watsuji
- 257 A lógica é o último ingrediente científico da filosofia
Rudolf Carnap
- 258 Unicamente conhece o ser humano aquele que o ama sem esperança
Walter Benjamin
- 259 Aquilo que é não pode ser verdade
Herbert Marcuse
- 260 A história não nos pertence: nós pertencemos a ela
Hans-Georg Gadamer
- 262 Na medida em que uma afirmação científica trata da realidade, ela deve ser falsificável
Karl Popper
- 266 A inteligência é uma categoria moral
Theodor Adorno



- 268 A existência precede a essência
Jean-Paul Sartre
- 272 A banalidade do mal
Hannah Arendt
- 273 A razão vive na linguagem
Emmanuel Levinas
- 274 A fim de ver o mundo, temos de romper com nossa aceitação habitual a ele
Maurice Merleau-Ponty
- 276 O homem é definido como ser humano e a mulher, como fêmea
Simone de Beauvoir
- 278 A linguagem é uma arte social
Willard van Orman Quine
- 280 O sentido fundamental da liberdade é liberdade dos grilhões
Isaiah Berlin
- 282 Pense como uma montanha
Arne Naess
- 284 A vida será mais bem vivida se não tiver sentido
Albert Camus

FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA 1950-DIAS ATUAIS

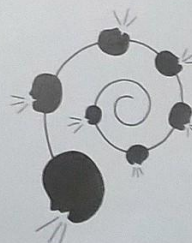
- 290 A linguagem é uma pele
Roland Barthes
- 292 O que faríamos sem uma cultura?
Mary Midgley
- 293 A ciência normal não visa às novidades de fato ou teoria
Thomas Kuhn
- 294 Os princípios da justiça são escolhidos sob um véu de ignorância
John Rawls
- 296 Arte é uma forma de vida
Richard Wollheim
- 297 Vale tudo
Paul Feyerabend
- 298 O conhecimento é produzido para ser vendido
Jean-François Lyotard



- 300 Para o negro há somente um destino, e ele é branco
Frantz Fanon
- 302 O homem é uma invenção recente
Michel Foucault
- 304 Se escolhermos, poderemos viver em um mundo de reconfortante ilusão
Noam Chomsky
- 306 A sociedade é dependente de uma crítica às suas próprias tradições
Jürgen Habermas
- 308 Não há nada fora do texto
Jacques Derrida
- 314 Não há nada em nosso íntimo, exceto o que nós mesmos colocamos lá
Richard Rorty
- 320 Todo desejo tem uma relação com a loucura
Luce Irigaray
- 321 Todo império diz a si e ao mundo que ele é diferente de todos os outros
Edward Said

- 322 O pensamento sempre funcionou por oposição
Hélène Cixous
- 322 Quem representa Deus no feminismo de hoje?
Julia Kristeva
- 324 A filosofia não é apenas um empreendimento escrito
Henry Odense Cruik
- 325 No sofrimento, os animais são nossos iguais
Peter Singer
- 326 Todas as melhores análises marxistas são sempre análises de um fracasso
Slavoj Žižek

330 OUTROS PENSADORES 340 GLOSSÁRIO 344 ÍNDICE 351 AGRADECIMENTOS





CONHECIMENTO É PODER

FRANCIS BACON (1561-1626)

EM CONTEXTO

ÁREA

Filosofia da ciência

ABORDAGEM

Empirismo

ANTES

Século IV a.C. Aristóteles coloca a observação e o raciocínio indutivo no centro do pensamento científico.

Século XIII Os estudiosos Robert Grosseteste e Roger Bacon acrescentam a experimentação à abordagem indutiva de Aristóteles ao conhecimento científico.

DEPOIS

1739 *Tratado da natureza humana*, de Hume, questiona a racionalidade do pensamento indutivo.

1843 O *Sistema de lógica dedutiva e indutiva*, de Stuart Mill, descreve os cinco princípios que regulam as ciências.

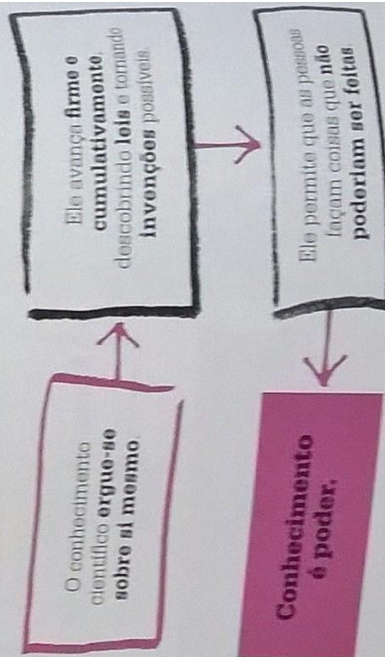
1934 Karl Popper afirma que a falsificação, não a indução, define o método científico.

Bacon com frequência é reconhecido como o primeiro de uma tradição de pensamento conhecida como empirismo britânico, caracterizado pela visão de que todo conhecimento deve vir essencialmente da experiência sensorial. Ele nasceu

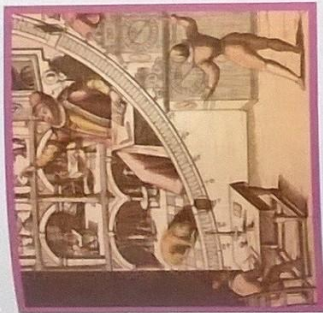
numa época em que houve um deslocamento da ênfase da Renascença nas redescobertas do mundo antigo rumo a uma abordagem mais científica do conhecimento. Já haviam surgido alguns trabalhos inovadores de cientistas renascentistas, como o astrônomo Nicolau Copérnico e o anatomista André Vesálio, mas o novo período —

às vezes chamado de Revolução Científica — produziu um número espantoso de pensadores científicos, incluindo Galileu Galilei, William Harvey, Robert Boyle, Robert Hooke e Isaac Newton.

Embora a Igreja fosse, de modo geral, receptiva à ciência durante grande parte do período medieval, a crença com o aumento da oposição à autoridade do Vaticano durante a Renascença. Vários reformadores religiosos, como Martinho Lutero, questionavam que a Igreja havia sido muito indulgente com os desafios científicos às concepções do mundo baseadas na Bíblia. Em resposta, a Igreja católica, que já perdera



Ver também: Aristóteles 56-63 • Robert Grosseteste 333 • David Hume 148-153 • John Stuart Mill 190-193 • Karl Popper 262-265



A ciência, não a religião foi vista cada vez mais como a chave do conhecimento a partir do século XVI. A gravura revela o observatório do astrônomo dinamarquês Tycho Brahe (1546-1601).

seguidores para a nova forma de cristianismo de Lutero, mudou de postura e voltou-se contra o esforço científico. Essa oposição, de ambos os lados da divisão religiosa, dificultou o desenvolvimento das ciências.

Bacon afirmava aceitar os ensinamentos da Igreja cristã. Mas também argumentou que a ciência deve ser separada da religião, a fim de tornar a aquisição de conhecimento mais rápida e fácil, de modo que pudesse ser usada em prol da qualidade de vida das pessoas. Bacon enfatizou esse papel transformador da ciência. Para ele, a capacidade da ciência de elevar a existência humana havia sido anteriormente ignorada, em favor do foco sobre a glória acadêmica e pessoal do cientista.

Bacon elaborou uma lista de barreiras psicológicas à busca de conhecimento científico em termos do que chamou coletivamente de "ídolos da mente", quais sejam, os "ídolos da tribo", a tendência dos seres humanos como espécie (ou "tribo") que generaliza, os "ídolos da caverna", nossa inclinação para impor pre-

concepções sobre a natureza, em vez de examinar o que realmente está lá, os "ídolos do mercado", facilidade com que deixamos as convenções sociais distorcem nossa experiência; e os "ídolos do teatro", a influência deformadora dos dogmas filosóficos e científicos predominantes. O cientista, de acordo com Bacon, deve lutar contra todos eles para adquirir conhecimento sobre o mundo.

Método científico

Argumentando que o avanço das ciências depende da formulação de leis de generalidade crescente, Bacon propôs um método científico que incluiu uma variação dessa abordagem. Em lugar de fazer uma série de observações — como a de metais que se expandem quando aquecidos, para concluir que o calor deve provocar expansão em todos os metais —, ele enfatizou a necessidade de testar uma nova teoria, prossequindo em busca de exemplos negativos (no caso, metais que não se expandem quando aquecidos).

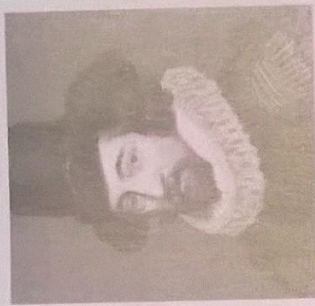
A influência de Bacon pôs em primeiro plano a experiência prática na ciência. No entanto, ele foi criticado por negligenciar a importância dos saltos imaginativos que impulsionam todo progresso científico. ■

“

A melhor prova é a experiência.

Francis Bacon

”



Francis Bacon

Nascido em Londres, Francis Bacon foi educado em casa, antes de seguir para o Trinity College, Cambridge, aos doze anos. Depois da graduação, começou a atuar como advogado, mas abandonou a profissão para assumir um posto diplomático na França. A morte do pai, em 1579, deixou o pobre e forçou o retorno à profissão jurídica.

Bacon foi eleito para o parlamento em 1584, mas sua amizade com o traiposo conde de Essex refreou sua carreira política até a ascensão de Jaime I, em 1603. Em 1618, foi designado *lord Chancellor*, mas acabou exonerado dois anos mais tarde, condenado por aceitar suborno.

Bacon passou o resto da vida escrevendo e realizando seu trabalho científico. Morreu de bronquite, contraindo enquanto recheava uma galinha com neve, como parte de um experimento sobre preservação de alimentos.

Obras-chave

- 1597 *Ensaíos*
- 1605 *O progresso do conhecimento*
- 1620 *Novum organum*
- 1624 *Nova Atlantis*

SOMENTE PENSAMOS QUANDO CONFRONTADOS COM UM PROBLEMA

JOHN DEWEY (1859-1952)

EM CONTEXTO

ÁREA

Epistemologia

ABORDAGEM

Pragmatismo

ANTES

1859 *A origem das espécies*, de Charles Darwin, coloca os seres humanos sob uma nova perspectiva, naturalística.

1878 O ensaio *Como tornar claras as nossas ideias*, de Charles Sanders Peirce, lança as bases do movimento pragmatista.

1907 William James publica *Pragmatismo: um nome novo para algumas formas antigas de pensar*, popularizando o termo filosófico "pragmatismo".

DEPOIS

A partir de 1970 Jürgen

Habermas aplica os princípios pragmáticos à teoria social.

1979 Richard Rorty combina pragmatismo com filosofia analítica em *A filosofia e o espelho da natureza*.

John Dewey pertence à escola filosófica conhecida como pragmatismo, surgida nos Estados Unidos no final do século XIX. Considera-se como seu fundador Charles Sanders Peirce, que em 1878 escreveu um ensaio inovador chamado *Como tornar claras as nossas ideias*.

O pragmatismo parte do princípio de que o propósito da filosofia, ou "pensamento", não é proporcionar um retrato verdadeiro do mundo, mas nos ajudar a agir de maneira mais eficaz dentro dele. Ao assumir uma perspectiva pragmática, não devemos ficar perguntando "é dessa forma que



Ver também: Heráclito 40 • Charles Sanders Peirce 265 • William James 208-209 • Jürgen Habermas 306-307 • Richard Rorty 314-319



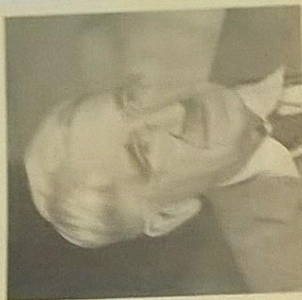
as coisas são?", mas "quais são as implicações práticas ao se adotar essa perspectiva?"

Para Dewey, os problemas filosóficos não são questões abstratas divorciadas da vida das pessoas. Ele os via como problemas que ocorrem porque os humanos são seres vivos buscando sentido no mundo, lutando para decidir como agir nele da melhor maneira. A filosofia começa a partir das esperanças, das aspirações humanas cotidianas e dos problemas que surgem no curso da vida. Sendo este o caso, Dewey considerou que a filosofia devia

também ser um meio de encontrar respostas práticas a tais questões. Ele acreditava que filósofos não é agir como "espectador" distante do mundo, mas se engajar ativamente nos problemas da vida.

Criaturas em evolução

Dewey foi muito influenciado pelo pensamento evolucionista do naturalista Charles Darwin, que publicara *A origem das espécies* em 1859. Darwin descreveu os humanos como seres vivos que fazem parte do mundo natural. Como outros animais, os humanos evoluíram em resposta aos ambientes em »



John Dewey

John Dewey nasceu em Vermont, nos Estados Unidos, em 1859. Estudou na Universidade de Vermont e trabalhou como professor por três anos antes de realizar estudos adicionais em psicologia e filosofia. Lecionou em várias universidades importantes e escreveu sobre um amplo espectro de temas – de educação à democracia. Além do trabalho como acadêmico, fundou uma instituição educacional – a *University of Chicago Laboratory Schools* – que colocou em prática sua filosofia educacional da aprendizagem fazendo. Essa instituição funciona até hoje. Os vários campos de interesse de Dewey e sua habilidade como comunicador expandiram sua influência sobre a vida pública americana para muito além da *Laboratory Schools*. Continuou a escrever sobre filosofia e temas sociais até morrer em 1952, aos 92 anos.

Obras-chave

- 1910 *Como pensamos*
- 1925 *Experiência e natureza*
- 1929 *A busca da certeza*
- 1934 *Arte como experiência*

NA MEDIDA EM QUE UMA AFIRMAÇÃO CIENTÍFICA TRATA DA REALIDADE, ELA DEVE SER FALSIFICÁVEL

KARL POPPER (1902-1994)



EM CONTEXTO

ÁREA

Filosofia da ciência

ABORDAGEM

Filosofia analítica

ANTES

Século IV A.C. Aristóteles ressalta a importância da observação e da mensuração para compreender o mundo.

1620 Francis Bacon explica os métodos indutivos em *Novum organum*.

1748 *Investigação acerca do entendimento humano*, de David Hume, levanta o problema da indução.

DEPOIS

1962 Thomas Kuhn cruza

Popper em *A estrutura das revoluções científicas*.

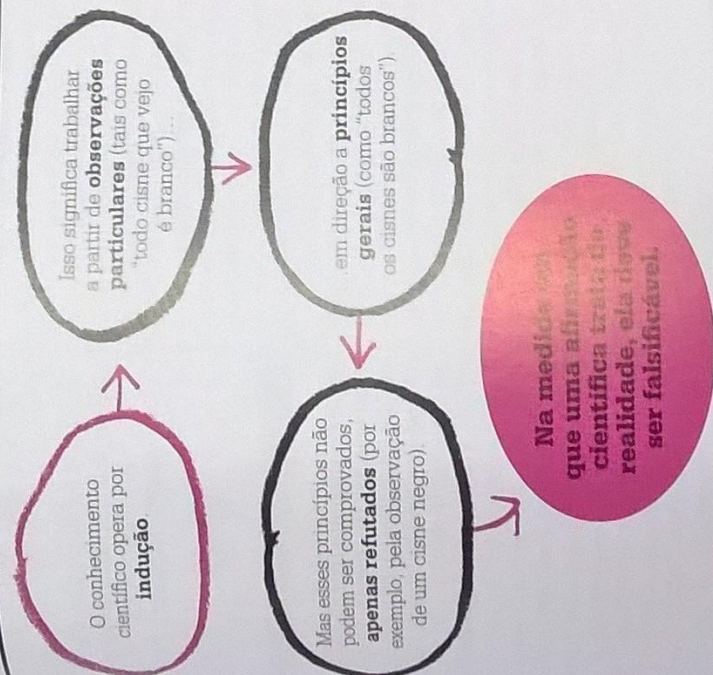
1978 Paul Feyerabend, em

Contra o método, questiona a própria ideia de método científico.

Com frequência, pensamos que a ciência trabalha "prova-se" verdades sobre o mundo.

Tendemos a imaginar que uma boa teoria científica é aquela que podemos provar conclusivamente que seja verdadeira. O filósofo Karl Popper, contudo, insistiu que esse não é o caso. Ao contrário, ele dizia que o que constitui uma teoria científica é que ela seja capaz de ser falsificada ou demonstrada como errônea pela experiência.

Popper se interessou no método pelo qual a ciência decifra o mundo. A ciência depende de experimentos e experiência e, se quisermos fazer boa ciência, precisamos prestar bastante atenção ao que o filósofo



Cisnes negros foram encontrados pela primeira vez por europeus no século XVII. Isso refutou a ideia de que todos os cisnes são brancos, o que na época era considerado universalmente verdadeiro.

e a distância da janela ao solo podemos calcular com que velocidade a bola cairá. Nada em relação ao evento é misterioso.

Todavia, a questão permanece: podemos ter certeza de que, da próxima vez que largarmos a bola, ela cairá no chão? Não importa quantas vezes façamos a experiência, e não importa o quanto nos tornemos confiantes em relação a seu resultado, nunca podemos provar que o resultado será sempre o mesmo no futuro.

Raciocínio indutivo

Essa incapacidade de falar sobre o futuro com alguma certeza é chamada de problema da indução e foi reconhecida pela primeira vez por Hume, no século XVIII. Então, o que é raciocínio indutivo?

A indução é o processo de deslocar-se de um conjunto de fatos observados para conclusões mais gerais sobre o mundo. Esperamos que ao soltar a bola ela atinja o solo porque, de acordo com Hume, estamos generalizando a partir de incontáveis experiências de ocasiões similares. »

David Hume chamou de "regularidades" da natureza. O fato de os eventos se desdobrarem no mundo conforme padrões e seqüências particulares, passíveis de exploração sistemática. A ciência, em outras palavras, é empírica, ou baseada na experiência, e para compreender como ela funciona precisamos compreender como a experiência em geral leva ao conhecimento.

Considere a seguinte frase: "Se você soltar uma bola de tênis da janela do segundo andar, ela cairá no chão." Deixando de lado qualquer causalidade (como a bola ser agitada por uma água em pleno voo), podemos ter certeza suficiente

de que essa alegação é razoável. Seria estranho uma pessoa dizer: "Tem certeza de que ela vai cair no chão?" Mas como sabemos que é isso que acontecerá quando largarmos a bola de tênis? Que tipo de conhecimento é esse?

A resposta simples é que sabemos que ela cairá porque é isso o que sempre acontece. Deixando de lado casualidades, ninguém nunca viu uma bola de tênis flutuar ou subir quando solta. Sabemos que ela cai porque a experiência nos mostrou que isso acontece. E não apenas podemos ter certeza de que a bola cairá no chão, mas também podemos ter certeza sobre como ela cairá. Por exemplo, se soubermos qual é a força da gravidade

nas quais descobrimos que coisas como bolas caem ao solo quando as soltamos.

Raciocínio dedutivo

Outra forma de raciocínio, que os filósofos contrastam com a indução, é o raciocínio dedutivo. Enquanto a indução se dedica ao caso particular para o geral, a dedução se dedica ao geral para o particular. Por exemplo, um caso de raciocínio dedutivo pode consistir a partir de duas premissas, tais como: "se é uma maçã, então é uma fruta (já que todas as maçãs são frutas)" e "isto é uma maçã". Admitida a natureza dessas premissas, a afirmação "isto é uma maçã" leva inevitavelmente à conclusão "é uma fruta".

Os filósofos gostam de simplificar os argumentos dedutivos escrevendo-os em notação. Assim, a forma geral do argumento acima seria: "se P, então Q, uma vez P, portanto Q". Em nosso exemplo, "P" é "isto é uma maçã" e "Q" é "uma fruta". Admitidos os pontos de partida "se P, então Q",

então, uma vez "P", a conclusão "Q" é necessária ou inevitavelmente verdadeira. Outro exemplo seria: "se está chovendo, o gato mia" (já que todos os gatos mia durante a chuva). Está chovendo, logo o gato mia".

Todos os argumentos desse tipo são considerados pelos filósofos como sendo válidos, porque suas conclusões seguem inevitavelmente suas premissas. No entanto, o fato de que um argumento é válido não significa que suas conclusões sejam verdadeiras. Por exemplo, o argumento "se é um gato, então tem gosto de banana - isto é um gato, portanto, tem gosto de banana" é válido porque segue uma forma válida. Mas a maioria das pessoas concordaria que a conclusão é falsa. E um olhar mais atento mostra que há um problema, da perspectiva empírica, com a premissas "se é um gato, então tem gosto de banana", porque gatos, ao menos em nosso mundo, não têm gosto de banana. Em outras palavras, como a premissa é falsa, mesmo que o argumento em si seja válido, o

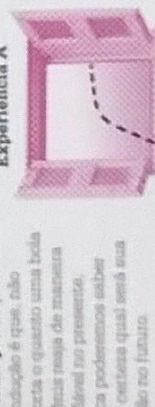
Toda solução para um problema cria novos problemas, não solucionados.

Karl Popper

conclusão também é falsa. Outras pessoas podem ser imaginadas, as quais gostos tenham, de fato, gosto de banana, e por esse motivo dá-se que a afirmação "gatos não têm gosto de banana" é corretamente verdadeira, em vez de lógica ou necessariamente verdadeira - isto exigiria que a afirmação fosse verdadeira em todos os mundos possíveis. Contudo, argumentos válidos com premissas verdadeiras chamados de argumentos "aditivos". O

Um exemplo do problema da indução é que, não importa o quanto uma bola de tênis seja de madeira, considerável por experiência, nunca poderemos saber com certeza qual será sua trajetória no futuro.

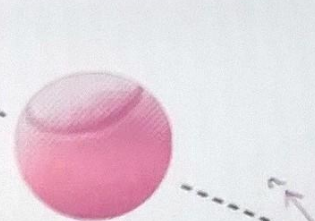
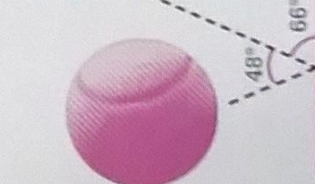
Experiência A



Experiência B



Experiência C



A ciência pode ser descrita como a arte da sistemática simplificação.

Karl Popper

argumento "gato com gosto de banana", como vimos, é válido mas não sólido. Já o argumento "maçãs e laranças" é tanto válido quanto sólido.

Falsificabilidade

Pode-se dizer que os argumentos dedutivos são como programas de computadores: as conclusões a que chegam são tão satisfatórias quanto as informações que recebem. O raciocínio dedutivo tem papel importante nas ciências, mas, por si só, não diz nada sobre o mundo. Ele só pode dizer "se isto, então aquilo". E se quisermos usar tais argumentos nas ciências, ainda temos de contar com a atribuição para nossas premissas — e

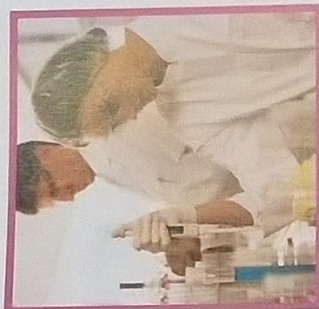
assim a ciência continuaria com o fardo do problema da indução.

Por essa razão, de acordo com Popper, não podemos provar que nossas teorias são verdadeiras. Além disso, o que faz uma teoria ser ciência não é o fato de que ela pode ser provada, mas de que pode ser testada na realidade e demonstrada como potencialmente falsa. Em outras palavras, uma teoria falsificável não é uma teoria que é falsa, mas uma que só pode ser demonstrada como falsa por meio da observação.

As teorias impossíveis de ser testadas (por exemplo, que cada um de nós tem um um espírito-guia invisível ou que Deus criou o universo) não fazem parte das ciências naturais. Isso não significa que não tenham valor, mas apenas que não são o tipo de teoria de que as ciências tratam.

A ideia da falsificabilidade não invalida que acreditemos em teorias que não podem ser falsificadas. As crenças que resistem a testes repetidos, e que resistem às nossas tentativas de falsificação, podem ser admitidas como seguras. Mas mesmo as melhores teorias estão sempre abertas à possibilidade de que um novo resultado demonstre sua falsidade.

Karl Popper nasceu em Viena, na Áustria, em 1902. Estudou filosofia na Universidade de Viena, depois passou seis anos como professor. Foi nessa época que publicou *A lógica da descoberta científica*, que o estabeleceu como um dos primeiros filósofos da ciência. Em 1937, migrou para a Nova Zelândia, onde viveu até o fim da Segunda Guerra Mundial e escreveu seu estudo sobre o totalitarismo, *A sociedade aberta e seus inimigos*. Em 1946, mudou-se para a Inglaterra para lecionar na London School of Economics e, depois, na Universidade de



Experiências podem mostrar que, na natureza, certos fenômenos seguem-se a outros, de maneira confiável. Mas Popper alega que nenhuma experiência jamais pode comprovar uma teoria, ou mesmo mostrar que ela é provável.

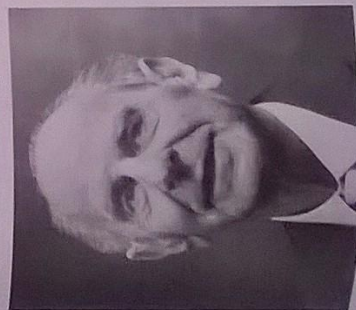
O trabalho de Popper recebeu muitas críticas. Alguns alegam que ele apresentou uma visão idealizada de como os cientistas empreendem seu trabalho, e que a ciência é praticada de maneira muito diferente do que sugere Popper. Contudo, sua ideia de falsificabilidade ainda é usada para distinguir entre alegações científicas e não científicas. Popper permanece, talvez, como o mais importante filósofo da ciência do século XX. ■

Londres. Foi nomeado cavaleiro em 1965 e permaneceu na Inglaterra pelo resto da vida. Aposentado em 1969, continuou a escrever e publicar até a morte, em 1994.

Obras-chave

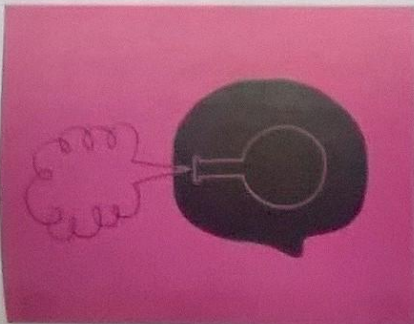
- 1934 *A lógica da descoberta científica*
- 1945 *A sociedade aberta e seus inimigos*
- 1957 *A pobreza do historicismo*
- 1963 *Conjecturas e refutações*

Karl Popper



A CIÊNCIA NORMAL NÃO VISA ÀS NOVIDADES DE FATO OU TEORIA

THOMAS KUHN (1922-1996)



EM CONTEXTO

ÁREA

Filosofia da ciência

ABORDAGEM

História da ciência

ANTES

1543 Nicolau Copérnico publica *Das revoluções das esferas celestes*, levando a uma mudança de paradigma em nossa visão sobre o sistema solar.

1934 Em *A lógica da descoberta científica*, Karl Popper define a "falsificabilidade" como critério para a ciência.

DEPOIS

1975 Paul Feyerabend escreve *Contra o método*, defendendo o "anarquismo epistemológico".

1976 Em *Proofs and refutations*, Imre Lakatos usa o "falsificacionismo" de Popper e a obra de Kuhn.

Hoje Interpretações diversas do método científico produzem paradigmas rivais do mundo subatômico.

O físico e historiador da ciência norte-americano Thomas Kuhn é mais conhecido pela obra *A estrutura das revoluções científicas*, publicada em 1962. A obra é tanto uma investigação sobre momentos decisivos na história científica quanto uma tentativa de explicar uma teoria sobre como as revoluções ocorrem na ciência.

Mudanças de paradigma

A ciência, na visão de Kuhn, alterna períodos de "normalidade" e de "crise". A ciência normal é o processo rotineiro no qual cientistas trabalhando dentro de um sistema teórico, ou "paradigma", acumulam resultados que não questionam as estruturas teóricas desse sistema. Às vezes, obviamente, resultados anômalos ou não familiares aparecem, mas estes são geralmente considerados como erros dos cientistas — prova, de acordo com Kuhn, que a ciência normal não visa às novidades. Ao longo do tempo, contudo, resultados anômalos podem se acumular até que um

ponto de crise seja atingido. Após a crise, se uma nova teoria é formulada, há uma mudança no paradigma e um novo sistema teórico substitui o antigo. No fim, esse sistema é admitido como certo, e a ciência normal prossegue até outras anormalidades surgirem. Um exemplo de tal mudança foi o desmoronamento da visão clássica de espaço e tempo com a confirmação das teorias da relatividade de Einstein. ■



A afirmação de Copérnico de que a Terra gira ao redor do Sol rompeu um paradigma no pensamento, as observações desafiaram a crença de que o planeta está no centro do universo.

Ver também: Francis Bacon 110-111 • Rudolf Carnap 257 • Karl Popper 262-265 • Paul Feyerabend 287 • Richard Rorty 314-319



O HOMEM É UMA INVENÇÃO RECENTE

MICHEL FOUCAULT (1926-1984)

EM CONTEXTO

ÁREA

Epistemologia

ABORDAGEM

Arqueologia discursiva

ANTES

Fim do Século XVIII

Immanuel Kant lança as bases para o conceito de "homem" do século XIX.

1859 A origem das espécies, de

Charles Darwin, provoca uma

revolução no modo como

interpretamos a nós mesmos.

1883 Friedrich Nietzsche,

em *Assim falou Zaratustra*,

anuncia que o homem é algo

a ser superado.

DEPOIS

1991 Consciência explana,

de Daniel Dennett, põe em dúvida

muitas de nossas noções mais

estabelecidas sobre a consciência.

1991 Cyborg manifesto, da

filósofa norte-americana Donna

Haraway, tenta imaginar um

futuro pós-humano.

Consideramos a ideia de "homem" ou humanidade como se fosse uma ideia natural e eterna.

Mas uma arqueologia do nosso pensamento mostra que a ideia de "homem" surgiu como objeto de estudo no início do século XIX.

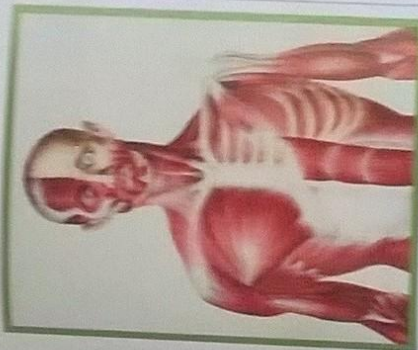
O homem é uma invenção recente.

A ideia de que o homem é uma invenção recente aparece em As palavras e as coisas: uma

arqueologia das ciências humanas, do filósofo francês Michel Foucault. Para entender o que Foucault quis dizer precisamos saber o que ele entendia como arqueologia e por que ele julgou que devemos aplicá-la à história do pensamento.

Foucault concentra-se no modo como nosso discurso da masculina pela qual falamos e pensamos sobre as coisas) é formado por um conjunto de regras, em grande parte inconscientes, fixadas pelas condições históricas em que nos encontramos. O

que julgamos como "sentido comum" por tudo do modo como pensamos e falamos sobre o mundo é, de fato, moldado por essas regras e condições. No entanto, essas mudanças ao longo do tempo e, por consequência, também, trocamos discursos. Por isso, há uma "arqueologia" e é necessária para desenterrar tanto os limites quanto as condições do modo como as pessoas pensavam e falavam sobre o mundo em tempos antigos. Não podemos olhar para os conceitos atuais no presente (por exemplo, o conceito de "natureza humana") e supor que eles são de algum modo eternos e que não são que necessariamente é de uma



O século XIX viu uma revolução na medicina, com o surgimento da anatomia que o corpo humano foi dissecado e estudado.

abandonar a volta quando "Por que o mundo é como é?" para fazer a pergunta "Por que vemos o mundo do modo como vemos?" Suponham a ideia de ser humano como fundamental e imutável, mas ela é, de fato, apenas uma invenção recente. Foucault afirma o início de nossa ideia particular do "homem" no começo do século XIX, por volta da época do nascimento das ciências naturais. Essa ideia do "homem" é, segundo Foucault, paradoxal, visto nos corpos científicos, mundo lá, dessa forma, como objetos de estudo, mas também como sujeitos que criam e estudam o mundo. Essas estruturas científicas elaboradas para duas direções diferentes ao mesmo tempo.

A imagem própria do humano

Foucault sugere que essa ideia do "homem" não apenas é uma invenção recente, mas que também pode estar

no fim do fim, logo pode se desintegrar como um todo desmontado, no ato da morte.

Foucault escreve sobre a ideia de que o corpo humano é uma máquina, uma máquina que pode ser desmontada e reconstruída. Ele argumenta que a ideia de que o corpo humano é uma máquina é uma ideia que foi criada no século XIX, por volta da época do nascimento das ciências naturais.

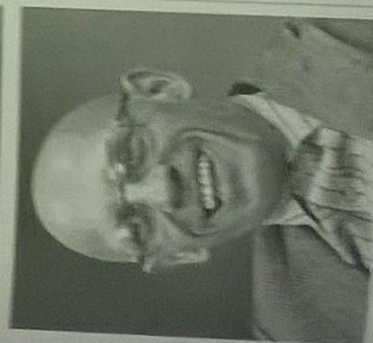


O homem não é nem o mais antigo nem o mais recente problema que tem desafiado o conhecimento humano.

Michel Foucault



Michel Foucault



Foucault nasceu em Poitiers, França, em 1926, numa família de médicos. Depois da Segunda Guerra Mundial ingressou na École Normale Supérieure, onde estudou filosofia com Maurice Merleau-Ponty. Em 1954, passou um período em Uppsala, Suécia, e depois viveu um período na Polónia e na Alemanha, retornando à França apenas em 1960.

Recebeu um doutorado em 1961 pelo estudo *História da loucura*, que argumentava que a distinção entre loucura e sanidade não é real, mas uma construção social. Depois do mês de greve

estudantil em 1968 em Paris, envolveu-se no ativismo político e continuou a trabalhar tanto como professor titular quanto como ativista pelo resto da vida.

Obras-chave

- 1961 *História da loucura*
- 1963 *O nascimento da clínica*
- 1966 *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*
- 1976 *Vigiar e punir*

NO SOFRIMENTO, OS ANIMAIS SÃO NOSSOS IGUAIS

PETER SINGER (1946-)

EM CONTEXTO

ÁREA

Ética

ABORDAGEM

Utilitarismo

ANTES

c.560 A.C. O sábio indiano o líder jainista Mahavira adota o vegetarianismo estrito.

1789 Jeremy Bentham explica a teoria do utilitarismo em *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*, argumentando que "cada um conta como um, e ninguém como mais de um".

1863 Em *Utilitarianism*, John Stuart Mill desenvolve o conceito de Bentham – de uma abordagem que considera atos individuais para outra que considera regimes morais.

DEPOIS

1983 O filósofo norte-americano Tom Regan publica *O caso dos direitos animais*.

O filósofo australiano Peter Singer tornou-se conhecido como um dos mais ativos defensores dos direitos dos animais após a publicação de *Libertação animal*, em 1975. Singer adota uma abordagem utilitarista à ética, seguindo a tradição desenvolvida pelo inglês Jeremy Bentham no final do século XVIII.

O utilitarismo nos convida a julgar o valor moral de um ato por suas consequências. Para Bentham, o modo de fazer isso é calculando a soma de prazer ou dor que resulta de nossas ações, como numa equação matemática.

Seres sencientes

O utilitarismo de Singer é baseado na ideia de que ele se refere como uma "consideração igual de interesse".

Dor, ele diz, é tão ruim a nós, a minhã ou a de qualquer outra pessoa. O âmbito no qual animais não humanos podem sentir dor é o âmbito no qual devemos levar seus interesses em consideração quando tomamos decisões que afetam suas vidas – abstenendo-nos de atividades que

causam dor. No entanto, como todo utilitarista, Singer aplica o "princípio da máxima utilidade possível", que diz que devemos tentar decidir que resultem na máxima felicidade possível para o máximo de pessoas possível. Singer acredita que há mais dor que experimentamos com animais não humanizados. Mas, certamente, algumas ações por suas consequências, e "os interesses dos animais contam entre outras consequências" – elas são parte da equação. ■

O valor da vida é uma questão ética notoriamente difícil.

Peter Singer